



GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,
Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

‘Esse work tu não encontra em nenhum lugar aqui’: Objetos de arte africana à caminho do sul do Brasil.

Autoria: Cristiano Sobroza Monteiro

Esse work trata de compreender as dinâmicas de troca e circulação de objetos de arte comercializados por imigrantes senegaleses na Feira ‘Sem Fronteiras’ na cidade de Caixas do Sul-RS. Erigida, historicamente, sob desígnios étnicos da italianidade, a cidade passou a receber, desde meados de 2008, milhares de imigrantes senegaleses em busca de work nas indústrias locais. Se, inicialmente, o setor de frigoríficos, representou a porta de entrada dos imigrantes no saturado mercado de work local, foi através da prática de venda na rua que grande parte deles, viabilizou a sua sobrevivência na cidade. Ao mesmo tempo em que, os ganhos através do comércio de rua permitiam a permanência e sustento de si e dos seus, o poder público municipal, passou a ver, com ‘maus olhos’ aqueles estrangeiros que, posicionados em esquinas e debaixo das marquises dos prédios históricos, comercializavam relógios, meias e panos de prato. Com a intensificação dos deslocamentos de senegaleses para a cidade, a partir de 2013, novas configurações de troca e consumo incorporaram-se à vida social e comercial do centro da cidade. Além dos objetos ditos ‘ilegais’, artefatos de arte, como esculturas em madeira, máscaras, tecidos, colares e anéis, passaram a ser comercializados por vendedores de arte africana na praça principal. Em 2018, a Feira ‘Sem Fronteiras’, surgiu da intenção do poder público municipal de Caixas do Sul, de solucionar o ‘problema’ da informalidade na região central, ao propor o deslocamento desses vendedores de rua, para um espaço comum, onde seria admitido que, em dias e horários específicos, eles pudessem comercializar. A partir de minha aproximação a um artista plástico e dois vendedores de arte senegaleses, proponho, a refletir, utilizando-me para isso, de uma abordagem etnográfica, sobre os significados, estratégias e disputas imbuídas na atividade de ‘vender na rua’, bem como, traçar as rotas e os caminhos transnacionais por onde transitam, pessoas, objetos e sentidos. Dos mercados de arte no Senegal, passando pelas ruas de Caixas do Sul, até alcançar o espaço da Feira ‘Sem Fronteira’, esses ‘objetos negros mercantilizados’ (Sansone, 2000) revelam hierarquias comerciais, jogos de poder, (in)visibilidade e distinção, além de políticas de identidade e formas de inserção dos imigrantes na cidade.





Realização:



Apoio:



Organização:

